

Inteligência artificial, arte e tecnologias: o desfile de Alexis Mabille na tensão entre criação, estilo e novas apreensões cognitivas da percepção

Artificial Intelligence, Art and Technologies: the Alexis Mabille Fashion Show at the Tension Between Creation, Style and New Cognitive Apprehensions of Perception

Intelligence artificielle, art et technologies : le défilé d'Alexis Mabille dans la tension entre création, style et nouvelles appréhensions cognitives de la perception

DOI: 10.5965/259446301032026e8996

Etevaldo Santos Cruz

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2065686893216158>. Orcid: 0000-0001-6347-0411.

Scopus: 60704877900. E-mail: theo zurc2014@gmail.com

Beatriz Ferreira Pires

Universidade de São Paulo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2065686893216158>. Orcid: 0000-0002-8834-921X.

E-mail: beatrizferreirapires@usp.br

Renata Pitombo Cidreira

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2005557247744604>. Orcid: 0000-0002-1281-623X.

Scopus: 56106663800. E-mail: pitomboc@yahoo.com.br



Licenciante: Revista de Ensino em Artes, Moda e Design, Florianópolis, Brasil.

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Publicado pela Universidade do Estado de Santa Catarina

Copyright: © 2026 pelos autores.

Submetido em: 03/06/2026

Aprovado em: 25/09/2026

Publicado em: 01/10/2026

Resumo

A emergência da inteligência artificial (IA) como recurso tecnológico integrante da vida cotidiana redefine nossa presença no mundo e as expectativas em relação ao outro. A partir de uma perspectiva compreensiva, que afirma a interdependência entre sujeito e objeto, este estudo reflete sobre como algoritmos de IA ressignificam o estilo e a expressão corporal, problematizando escolhas, gostos e pertencimentos, bem como novas conformações de produção de conhecimento e modos de apreensão da realidade. Estruturado em três movimentos inter-relacionais, o trabalho examina, primeiramente, os modos pelos quais algoritmos determinam escolhas, padrões de gosto e agenciamentos das formas de conhecimento. Em seguida, analisa o impacto de sistemas híbridos — como neurônios biológicos *in vitro* combinados a redes neurais artificiais — nos processos criativos e na autoria do conhecimento. Por fim, recorre ao desfile de Alexis Mabille, coleção primavera-verão 2026, apresentado na Semana de Moda de Paris, para ilustrar as interseções entre tecnologias vestíveis, expressões artísticas e novas formas de sensibilidade, cognição e percepção. O percurso argumentativo apoia-se em Russell e Norvig (2013), McLuhan (1969), Mendonça (2023), Khajehnejad (2024), Arielli (2025), entre outros.

Palavras-chave: Algoritmos-IA. Estilo. Cognição. sistemas híbridos. processos artísticos.

Abstract

The emergence of artificial intelligence (AI) as a technological resource embedded in everyday life redefines our presence in the world and our expectations of the other. Drawing on a comprehensive perspective that affirms the interdependence between subject and object, this study examines how AI algorithms resignify style and bodily expression, problematising choices, tastes, and belongings, as well as new configurations of knowledge production and modes of apprehension of reality. Structured around three interrelated movements, the paper first investigates the ways in which algorithms shape choices, taste patterns, behaviours, and the agentive forms of knowledge. It then analyses the impact of hybrid systems — such as biological neurons in vitro combined with artificial neural networks — on creative processes and the authorship of knowledge. Finally, it draws on Alexis Mabille's spring-summer 2026 collection, presented at Paris Fashion Week, to illustrate the intersections between wearable technologies, artistic expressions, and emerging forms of sensibility, cognition, and perception. The theoretical framework is grounded in

Russell and Norvig (2013), McLuhan (1969), Mendonça (2023), Khajehnejad (2024), Arielli (2025), among others.

Keywords: ai algorithms. style. cognition. hybrid systems. artistic processes.

Resumé

L'émergence de l'intelligence artificielle (IA) en tant que ressource technologique intégrée à la vie quotidienne redéfinit notre présence au monde et nos attentes à l'égard d'autrui. À partir d'une perspective compréhensive affirmant l'interdépendance entre sujet et objet, cette étude examine la manière dont les algorithmes d'IA resignifient le style et l'expression corporelle, en problématisant les choix, les goûts et les appartenances, ainsi que les nouvelles configurations de production de savoir et les modes d'appréhension de la réalité. Structuré en trois mouvements interrelationnels, le travail examine, en premier lieu, les façons dont les algorithmes déterminent des choix, des modèles de goût et des agencements des formes de connaissance. Il analyse ensuite l'impact des systèmes hybrides – tels que les neurones biologiques in vitro combinés à des réseaux de neurones artificiels – sur les processus créatifs et la production de savoirs. Enfin, il s'appuie sur le défilé d'Alexis Mabille, collection printemps-été 2026, présenté lors de la Semaine de la Mode de Paris, pour illustrer les intersections entre technologies vestimentaires, expressions artistiques et nouvelles formes de sensibilité, de cognition et de perception. Le parcours argumentatif s'appuie sur Russell et Norvig (2013), McLuhan (1969), Mendonça (2023), Khajehnejad (2024), Arielli (2025), entre autres.

Mots clé: Algorithmes-ia. style. cognition. systèmes hybrides. processus artistiques.

1 Introdução

A convergência entre estilo, inteligência artificial (IA) e dinâmicas sensíveis, que envolvem corpo, raciocínio, percepção e afetos, têm contribuído para redefinir as intersubjetividades e sua relação com a moda e a artisticidade nas primeiras décadas do século XXI, além da acentuada mutação nas formas de produção de conhecimento e remodelagem cognitiva das formas de percepção do mundo. A emergência da IA como recurso tecnológico cotidiano, operando como mediação entre corpo, estilo e tecnologia, redesenha o modo como instituímos nossos processos expressivos e cognitivos, nossa presença e as expectativas que projetamos sobre ela na relação com o outro.

Em outros termos, o advento da IA no tecido da vida cotidiana - de maneira efetiva e relativamente horizontal no que tange às interações humanas - transforma as formas de nos relacionarmos com o outro, além das novas remodelagens cognitivas, que são atravessadas pelas dimensões espaciais e temporais, seja nas crises que marcam as transições culturais e tecnológicas e modulam as relações entre corpo, criação e ambiente digital; seja no modo como redesenhamos as novas formas cognitivas de apreensão da realidade.

Diríamos, portanto, que vivemos concomitantemente numa temporalidade marcada por uma obstinação pela clareza expressiva, na qual tudo tende a ser visto, comentado e/ou reproduzido como uma espécie de permanente prestação de contas e confissão em movimento; e numa temporalidade assinalada pela mescla do material com o imaterial, da realidade dada com a realidade inventada. Essa dinâmica se desenrola em meio ao fluxo tecnológico das redes e da instantaneidade das plataformas de inteligência artificial (IA), contexto em que não podemos simplesmente tomar como verdadeiro tudo aquilo que se apresenta à visibilidade, isto é, o critério de adequação do que consideramos como verdade, encontra-se em solo movediço quando consideramos as novas formas de produção de conhecimento, que em muitos casos se limita à assimilação de informações sobre o tema em foco.

Um aspecto decisivo desta pesquisa diz respeito à sua filiação epistemológica no tratamento da noção de IA. Dada a emergência e a rápida expansão dos estudos na área, as denominações e conceituações disponíveis são múltiplas; neste trabalho, não pretendemos fazer o levantamento literário dessas variações, mas ancorar a reflexão com uma definição coerente com o recorte teórico adotado. Nesse sentido, por inteligência artificial compreendemos, conforme Stuart Russell e Peter Norvig (2013), na obra *Inteligência Artificial*:

O estudo de agentes que recebem percepções do ambiente e executam ações. Cada agente implementa uma função que mapeia sequências de percepções em ações [...] como sistemas de produção, agentes reativos, planejadores condicionais em tempo real, redes neurais e sistemas de teoria de decisão (Russell e Norvig, 2013, p.07).

Conforme observamos, destacam-se os agentes artificiais que exercem a função de reconfiguradores de sentido, atuando na produção e modulação de significados e produção de formas de conhecimento. Interessa-nos, em particular, o modo como a tecnologia de inteligência artificial (IA) reverbera aspectos estéticos e cognitivos por meio da lógica algorítmica na produção de imagens e novas modelagem da percepção, as quais “são constituídas a partir de interpretações algorítmicas; releituras matemáticas sobre informações visuais, muitas vezes, imprecisas” (Prata; Beiguelman, 2021, p. 129). Importa considerar, ainda, a dimensão do contexto em que tais agentes estão circunscritos e os objetivos específicos para os quais foram programados e elaborados.

Dito de outro modo, tomamos como guia norteador, o entendimento de Ricardo Fabrino Mendonça em Algoritmos, desidentificação e infrapolítica da resistência (2023), segundo o qual os algoritmos podem ser compreendidos como “artefatos sociotécnicos, criados a partir de interações entre seres humanos e máquinas [...] atravessados pelos contextos sócio-históricos de que se originaram [...] pelas intenções daqueles que os projetaram” (Mendonça et al., 2023, p. 1). Essa definição permite enfatizar, portanto, que os algoritmos não são entidades neutras, mas dispositivos imersos em relações de poder, em disputas de classificação e em regimes de visibilidade e apagamento, além da configuração do gosto, estilo e remodelagem das formas de conhecimento e apreensão da realidade como experiência mundana. Em outras palavras, os algoritmos exercem a importante função de homogeneizar os indivíduos em todos os seus âmbitos – físico, mental, sentimental. No que se refere ao humano, o tempo atual preza mais a uniformidade que a dissonância.

Nesse sentido, ao tratarmos do aspecto comunal e inter-relacional entre contexto e intersubjetividades nessa dinâmica fragmentada e descentralizada, parece-nos pertinente retomar, entre outras possíveis, a formulação clássica de Marshall McLuhan (1969), segundo a qual ‘o meio é a mensagem’. O meio redefine percepções, comportamentos, formas de conhecimento e relações sociais na medida em que os dispositivos tecnológicos que nos prolongam organizam nossa posicionalidade e percepção. Nas palavras de McLuhan, “os efeitos da tecnologia não ocorrem ao nível das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção, num passo firme

e sem qualquer resistência” (McLuhan, 1969, p. 34). Desse modo, podemos afirmar que os algoritmos operam como meios que influenciam de maneira profunda nossa percepção da realidade digital e do mundo vivido presencialmente. O que incide diretamente nas formas de conhecimento e produção da realidade, estabelecendo, com isso, novos paradigmas cognitivos e epistêmicos.

A nossa reflexão é parte integrante de duas pesquisas de pós-doutorado, de caráter especulativo, desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (PPGCOM-UFRB) e na Université Paul Valéry Montpellier III – França, cujas noções preliminares foram apresentadas em (Cruz, 2024) e (Cidreira, 2017). Segue ampliada, ao refletir os aspectos que determinam a dimensão trágica do estilo enquanto potência plasmadora da expressão e as conformações contemporâneas das mudanças nas formas de percepção no que se refere ao lugar da beleza no mundo digital e a emergência dos sistemas combinatórios de neurônios in vitro, em placas de silício.

Assim, a partir da perspectiva compreensiva (Cidreira, 2014) que “afirma a interdependência do objeto e do sujeito, assinalando e postulando, ainda, a possibilidade que tem toda pessoa de penetrar o vívido e o experimentar em outra pessoa (princípio da intercompreensão humana)” (Cidreira, 2014, p. 15), nosso estudo reflete como os algoritmos de IA podem ressignificar o estilo e a expressão corporal, problematizando as novas formas de conhecimento e criação, aprofundando a questão quando considerado os sistemas combinatórios de neurônios biológicos cultivados in vitro com algoritmos de aprendizagem por reforço profundo.

Estruturamos esta pesquisa em três movimentos inter-relacionais. Num primeiro momento, privilegiamos reflexões sobre os modos como os algoritmos podem determinar escolhas, padrões de comportamento e agenciamentos cognitivos que, ao fim, prefiguram a modelagem de um estilo, entendido aqui como modo de estar no mundo e apreensão nos modos de perceber o mundo. Em um segundo momento, analisamos o impacto dos sistemas combinatórios constituídos por neurônios biológicos in vitro e por algoritmos de redes neurais artificiais sobre o processo criativo, de conhecimento e a autoria. Para ilustrar a reflexão, tomamos o desfile de Alexis Mabille, apresentado em 28 de janeiro de 2026, em Paris,

na alta costura, no qual todo o processo de concepção, confecção, produção e difusão da moda foi realizado por meio do uso de inteligência artificial (IA), como plasmação de uma inovação instauradora de um novo paradigma sensível e cognitivo da experiência.

Nesse sentido, reforçamos que estão implicadas tecnologias vestíveis, expressões e sensibilidades, compreendendo que o desfile acompanha o devir circulatório das dinâmicas culturais e artísticas, podendo ser atravessado pelas ferramentas de IA, que exercem força sobre a plasmação de uma nova dinâmica de conhecimento e inovação. Tal conformação se complexifica quando adentramos a emergência dos sistemas combinatórios de neurônios in vitro, em placas de silício, e suas relações possíveis com autoria, conhecimento e criação. Com este novo patamar técnico, uma situação ainda não vivida coloca em evidência o orgânico passando a fazer parte da constituição do inorgânico. Compleições inversas já ocorrem há tempos.

2 Estilo e algoritmos de IA: remodelagens intersubjetivas da plasmação

No que tange à intercambialidade do estilo em conformação na produção de uma poética de si ou mesmo a instituição de um novo paradigma do conhecimento, remetemo-nos às considerações de Georg Simmel (2016) sobre a dimensão do estilo na obra de arte, em seu ensaio *O problema do estilo*. A partir dessas reflexões, compreendemos que o estilo, esta capacidade modeladora de percepção da realidade, se situa em uma tensão entre singularidade e coletividade e implica, em certa medida, uma recusa da natureza puramente individual. Enquanto manifestação formal que se inscreve entre o individual e o coletivo, em determinada circunscrição histórica e cultural, o estilo perde a pretensa singularidade originária da expressão autônoma e coloca em relevo uma espécie de lei incorpórea que atravessa a expressividade e a cognição, ajustando-as ao pertencimento do sujeito a um determinado horizonte epocal e sociotécnico.

Assim, parece-nos pertinente afirmar que uma raiz comum atravessa o sentido individual, na medida em que:

[...]a estilização contém o caráter de uma coletividade, de uma lei que regulamenta [...] a sensação é que não vale apenas para uma individualidade artística [...] o mesmo vale para o objeto da obra de arte” (Simmel, 2016, p. 175).

Em outras palavras, o estilo não se encerra apenas no objeto ou na individualidade de um gesto, mas no sentido comum que esse objeto ou esse gesto podem comunicar, por meio das “diferentes formas percebidas pelo espectador, estabelecendo, assim, correspondências de sentidos possíveis em regime de comunicabilidade” (Cruz, 2020).

Ora, se consideramos a intercambialidade entre dimensão estilizante, contexto e atravessamentos sociotécnicos presentes na conformação das nossas experiências cognitivas e de produção do conhecimento, coloca-se a questão de como pensar a relação que se estabelece entre a lógica algorítmica e o estilo que se tenciona na emergência da inteligência artificial (IA) e dos processos criativos e epistemológicos inteiramente mediados por sistemas de IA.

O primeiro passo consiste em compreender que os algoritmos “desempenham papéis cada vez maiores em muitas áreas da vida social, abrangendo desde questões de segurança até mobilidade urbana, recursos humanos ou decisões de compra” (Mendonça *et al.*, 2023, p. 3). Como destaca Mendonça, os algoritmos têm exercido um papel decisivo na configuração das subjetividades humanas, de forma praticamente onipresente. As diversas formas de automação e regulação incidem sobre a modelagem comportamental e cognitiva dos sujeitos, de modo que o exercício da percepção já não se dissocia dessa nova dinâmica sociotécnica.

Mais do que uma sequência de comandos previamente estruturados em uma cadeia lógica que permite a identificação de padrões de dados, os algoritmos, de modo cada vez mais autônomo, aprendem a partir desses padrões a modelar a realização de atividades e a orientar tomadas de decisão. Eles se configuram como forças balizadoras de nossas experiências e sensibilidades, estabelecendo padrões de gosto e de consumo, sobretudo quando utilizamos as redes sociais como fonte privilegiada de pesquisa e de informação. Outro aspecto que devemos considerar é que esses artefatos sociotécnicos inauguram novas formas de

conhecimento e apreensão da realidade, cujo vetor parece atender à lógica da superficialidade e urgência de descartabilidade, remodelando, assim, o que consideramos como tradição de um solo epistemológico de assentamento compreensivo sobre a realidade circundante.

O uso de artefatos tecnológicos para o escalonamento de regras, padrões e conjuntos de instruções, como aqueles que se apresentam nos algoritmos, integra a reorganização da vida que desenvolvemos em cada período de nossa história. Nesse sentido, eles não introduzem, necessariamente, uma total novidade quanto ao impacto das tecnologias sobre nossa dimensão perceptiva e cognitiva. Prova disso é a reflexão de Georg Simmel (1973) em *A metrópole e a vida mental*, quando destaca a função seminal do relógio de bolso e de sua difusão como artifício que define uma nova precisão na vida metropolitana, reduzindo dúvidas e ambiguidades em compromissos e regulações, reorganizando diferenças e identidades, agendas de espacialidade e regimes de organização temporal que deram sustentação funcional à vida na metrópole. Assim, esses artefatos sociotécnicos inauguram novas dinâmicas na reorganização da vida social, com suas complexidades, de modo que:

[...] os relacionamentos do metropolitano típico são habitualmente tão variados e complexos que, sem a mais estrita pontualidade nos compromissos e serviços, toda a estrutura se romperia e cairia num caos inextricável[...] (Simmel, 1973, p. 14).

Dito de outro modo, os artefatos sociotécnicos remodelam e fazem parte da experiência cognitiva e de produção de conhecimento, cuja materialidade encontra-se no que consideramos como gestão do tempo e do espaço como formas de sociabilidade.

Em um segundo momento, retomamos as reflexões de McLuhan (1969), em *O meio é a mensagem*, para compreendermos os aspectos comuns que os algoritmos passaram a exercer na estruturação da vida contemporânea, implicando na modelagem da percepção e do conhecimento, nos aspectos psicológicos, nas dinâmicas de criação e na organização social. Dialogando com a contemporaneidade, reconhecemos que algoritmos e inteligência artificial são, simultaneamente, meios e mensagens, e que o foco analítico deve recair sobre os impactos de suas extensões em nossas vidas, em

nossos processos cognitivos e na automatização da seleção, organização, circulação de informações e conhecimento.

Nessa perspectiva, os hábitos são profundamente atingidos nesse processo. McLuhan explica, por exemplo, como a cultura letrada ampliada pela imprensa impulsionou a uniformidade e a definição de um ponto de vista individual, refletindo-se no estilo, no exercício da modulação cognitiva e na emergência de novas formas artísticas. “O homem de uma sociedade homogeneizada já não é sensível à diversa e descontínua vida das formas. Ele adquire a ilusão da terceira dimensão e do ‘ponto de vista pessoal’ como parte de sua fixação narcísica” (McLuhan, 1969, p. 34).

As novas tecnologias produzem novos ambientes humanos e redefinem as percepções no interior das redes tecnológicas ou mesmo no ritmo e na cadência da dinâmica societal. Os algoritmos de inteligência artificial (IA), nesse contexto, estabelecem experiências fragmentadas em ciclos de interação que se redefinem rapidamente, incluindo a conformação do estilo e das novas formas de conhecimento, compreendido como apreensão da realidade e instituição de novos paradigmas perceptivos. Isso se manifesta, por exemplo, nas plataformas de interação e informação, cuja curadoria algorítmica é capaz de moldar paisagens ideológicas.

Além disso, os algoritmos, embora operem nos bastidores, exigem nossa participação constante por meio de dados, cliques e interações, que, por sua vez, alimentam e refinam seu próprio funcionamento em um processo de retroalimentação permanente. Os algoritmos de busca nas redes sociais, por exemplo, influenciam quais informações consideramos relevantes, confiáveis e afinadas ao nosso gosto, podendo conduzir-nos a bolhas de filtro e à conformação do olhar sobre a própria vida e modelagem instáveis de conhecimento e apreensão da realidade. Importante ressaltar que tal participação cria a perigosa ilusão de autonomia e, esta por sua vez, reforça e amplia a utilização cotidiana dos algoritmos.

3 Interfaces entre inteligência artificial, biocomputação, conhecimento e criação

No estudo publicado sobre o título, Biological neurons compete with deep reinforcement Learning in sample efficiency in a simulated gameworld

(2024), em português: Neurônios biológicos competem com o aprendizado por reforço profundo em eficiência de amostragem em um mundo de jogo simulado (2024), um grupo de cientistas australianos e indianos, liderados por Moein Khajehnejad, apresentou um experimento sobre o modo como os neurônios biológicos *in vitro* e os algoritmos de redes neurais artificiais se comportam na realização de tarefas em um “ambiente fechado”. O processo de aprendizagem comparativo entre a eficiência da aprendizagem das redes neurais biológicas *in vitro* com os algoritmos de aprendizagem por reforço profundo, *deep reinforcement learning* foi feito através da metodologia conhecida como DishBrain¹. O sistema integra neurônios cultivados *in vitro* a ambientes virtuais por meio de placas de Petri (células de córtex cerebral sobre matrizes de microeletrodos (placas de silício), possibilitando observar processos de aprendizagem, adaptação e interação em um sistema híbrido.

Seu objetivo é explorar as interações entre neurônios biológicos e inteligência artificial (IA), permitindo que culturas neuronais *in vitro* processem e respondam a estímulos externos em ambientes controlados. No caso da pesquisa referenciada, Khajehnejad utilizou como ambiente controlado o jogo Pong². O ambiente permitiu a comparação e eficiência na resposta aos estímulos externos de alta performance no mesmo tempo e sequência. No estudo, foram utilizados três algoritmos de aprendizagem profunda conhecidos como DQN, A2C e PPO³. Não adentraremos às definições técnicas, pois o que nos interessa no estudo é o resultado e o modo como o êxito foi alcançado e como esse experimento descortina um outro cenário quando vamos refletir os processos criativos, produção de conhecimento e autoria.

Os pesquisadores identificaram que, mesmo que os sistemas biológicos e os sistemas artificiais fossem capazes de aprender e atingir resultados a partir das entradas, mantendo as diferenças e complexidades dos sistemas como o consumo de energia e o volume das redes, os neurônios biológicos *in vitro*, quando submetidos às complexas redes de estímulos externos, superaram em eficiência e rapidez os algoritmos de aprendizagem profunda. Segundo Khajehnejad, essa dinâmica nos permite empenhar esforços para compreendermos como se dinamiza o processo e construção do conhecimento. Pois ainda que os algoritmos apresentem alto desempenho nos processos de aprendizagem, eles padecem de

1 O termo *DishBrain* designa plataforma tecnológica de propriedade da Cortical Labs (Melbourne, Austrália, est. 2019), empresa de biocomputação que opera sob a denominação comercial *Synthetic Biological Intelligence* (SBI). Do ponto de vista da propriedade intelectual, o sistema foi desenvolvido preponderantemente *in-house*, com participação apenas pontual de colaboradores externos em aspectos periféricos, conforme declaração de Brett Kagan, *Chief Scientific Officer* da empresa. O *DishBrain* foi descontinuado como plataforma operacional e sucedido, em 2025, pelo CL1. O uso do termo neste trabalho refere-se exclusivamente ao sistema experimental descrito na publicação citada, sem implicar vínculo institucional ou comercial com a Cortical Labs.

2 Disponível em: <https://www.monash.edu/medicine/news/latest/2022-articles/brain-cells-in-a-dish-learn-to-play-pong>. Acesso em 21 de fev. de 2026.

3 DQN (*Deep Q-Network*), A2C (*Advantage Actor-Critic*) e PPO (*Proximal Policy Optimization*) são algoritmos de aprendizado por reforço profundo utilizados como (*benchmarks*), isto é, referência de desempenho no estudo. O DQN combina *Q-Learning* com redes neurais profundas, utilizando *experience replay* e *target network* para estabilizar o treinamento. A2C emprega arquitetura *actor-critic* com cálculo de vantagem para reduzir variância, enquanto o PPO limita atualizações de política via *clipping* para maior robustez em aplicações práticas.

esquecimento, recompensa e complexidade em hiperparâmetros, por exemplo.

Além disso, devemos considerar que os algoritmos de aprendizagem profunda causam impactos ambientais consideráveis, “exigem níveis altíssimos de desempenho computacional e, o que não devemos esquecer, trabalham e são treinados em ambientes estáticos e programados” (Khajehnejad, 2024, p.02). Em outros termos, há uma diferença entre modelos de retropropagação treinados e o modelo de aprendizagem humana. As células biológicas, segundo Khajehnejad, respondem aos estímulos de modos próprios por meio da plasticidade sináptica.

A plasticidade sináptica refere-se:

Às respostas adaptativas do sistema nervoso (SN) frente aos estímulos percebidos. A maioria dos sistemas no cérebro são plásticos, ou seja, são modificados com a experiência, o que significa que as sinapses envolvidas são alteradas por estímulos ambientais captados por alguma modalidade de percepção sensorial (Oliva; Dias; Reis, 2009, p. 130).

O processo de aprendizagem e complexidade dos neurônios biológicos é superior ao dos algoritmos de aprendizagem profunda, demonstrando uma maior eficiência nas amostragens, justamente pela rapidez, diz Khajehnejad, no que ocorre na plasticidade sináptica ou nos comportamentos dos modelos *in vitro*. Um outro ponto que o estudo traz é sobre a complexidade no processo interacional entre a atividade neuronal individual e a atividade neuronal populacional, que adiciona mais uma camada no complexo processo do mecanismo de aprendizagem e criação. Ao tratar dos mecanismos de aprendizagem, o estudo aponta para um aspecto singular sobre a nossa relação com a tecnologia e a criação, criando uma zona de possíveis indefinições entre autoria, estilo e processos criativos.

Nesse sentido, recorremos a Sthéfano Bruno Santos Divino e Rodrigo Almeida Magalhães (2020), em *Propriedade Intelectual e Direito Autoral de Produção Autônoma da Inteligência Artificial*, que refletem sobre o direito autoral e propriedade intelectual na produção dos sistemas de inteligência artificial, problematizando “a compatibilidade entre a ontologia da mente e

a produção intelectual de IA para com o conceito legal de autor, contido no art. 11 da Lei 9.610/1998” (Divino; Magalhães, 2020, p. 167).

Os autores defendem a incompatibilidade de autoria autônoma no processo criativo, argumentando que a falta de uma mente consciente e intencional na IA impede que ela se encaixe no conceito legal de autor ou produtor de novos conhecimentos. A ontologia da mente, que considera a consciência e a intenção como essenciais para a autoria, não se aplica à IA, que opera com base em algoritmos e programação, ausente de intencionalidades, perspectivas, causalidades, contextos e semantizações. Em outros termos, dizem os autores: “uma IA, ainda que programada nas diretrizes do *deep learning* e *machine learning*, apenas simula situações para as quais ela fora inicialmente construída, sem compreender o real significado semântico de suas atitudes” (Divino; Magalhães, 2020, p. 177).

A simulação das situações pode ser compreendida no exemplo do “*The Next Rembrandt*”, um trabalho de reprodução da obra de Rembrandt, feito por IA, em 2016, que os autores trouxeram para ilustrar o estudo sobre a autoria. Não se trata de criação, mas uma simulação, em um ambiente previamente delimitado que reproduz o estilo através da repetição das tarefas por meio de algoritmos de aprendizagem profunda. Atribuir um estilo para IA exigiria dela aquilo que Georg Simmel (2016) compreende como “um princípio coletivo que ou se mistura ou expulsa ou assume o lugar do princípio da individualidade [...] todos os traços individuais do estilo se desenvolvem como fato artístico-espiritual” (Simmel, 2016, p. 176).

Em outros termos, o estilo não se restringe apenas à forma ou mesmo a cópia do estilo de outrem, mas aos processos intersubjetivos, sensíveis, afetivos, experiência e percepção que assinalam a dimensão de artisticidade de toda obra humana na conformação das forças e das formas em busca de um estilo que se descobre no próprio processo formativo (Pareyson, 1993). Nas palavras de Cidreira (2005), na dimensão de artisticidade que se presentifica nas atividades humanas está contida o jogo simbólico, um “jogo como fonte de sentidos que é constituído de ciclos, com regras e condições recorrentes, configurando, assim, uma estrutura dinâmica” (Cidreira, 2005, p.87).

Assim, devemos compreender a IA como uma tecnologia auxiliar dos processos poéticos das atividades humanas, inclusive no âmbito da produção de conhecimento, este compreendido como sistematização da percepção em relação dialógica com a história, a cultura, os artefatos sociotécnicos, que estabelecem posicionalidades políticas, epistemológicas, ideológicas e circunstanciais sobre a percepção e compreensão do mundo; ou seja, um repertório complexo que atravessa a experiência intersubjetiva por meio de uma linguagem estruturante. Pois, ausente de uma dimensão ontológica própria, ela adentra nossa experiência enquanto meios tecnológicos, que modulam profundamente a percepção, o comportamento e as relações sociais em seu contexto. Correspondendo ao que Marshall McLuhan (1969) destaca como efeitos da tecnologia que se manifestam nas estruturas perceptivas, alterando a forma como experienciamos o mundo. Dessa maneira, embora adentre nossa experiência enquanto meios tecnológicos que podem modular profundamente a percepção, o conhecimento e as relações sociais em seu contexto, os algoritmos de IA não determinam ou criam percepções por si só.

Antes de passarmos ao desfile de Alexis Mabille é importante refletirmos sobre a nomenclatura dada ao conjunto de tecnologias cunhado com o objetivo de possibilitar que máquinas e sistemas simulem habilidades humanas. O termo IA - Inteligência Artificial - alude a um tipo de inteligência superior à humana e, como tal, mais confiável e inquestionável. A nomenclatura faz com que se deixe de pensar a IA como um instrumento e que se passe a pensá-la como um cérebro superdotado.

4 O polêmico desfile de Alexis Mabille: A presença da IA na Alta Costura

A utilização da Inteligência Artificial (IA) está incorporada ao mundo da moda. Para além de recomendações e edição automática, a IA tem sido utilizada no campo da moda e da arte, em geral, para gerar artefatos sintéticos, como músicas, imagens, desenhos e textos. Algoritmos de aprendizagem profunda vêm sendo incorporados para realizar de forma cada vez mais “competente” produtos com certa dimensão artística. De certo, a inteligência artificial tem feito muitos progressos nessa direção,

mas muitos consideram que este é um campo que revela os limites da tecnologia, uma vez que a IA ainda não teria, de fato, a capacidade de criar, mas apenas de imitar estilos e gêneros artísticos já existentes.

Como esclarece Emanuele Arielli (2025) em artigo intitulado *Hasta una IA podría hacerlo* ou em português livre: *Até uma IA seria capaz de fazer isso*: “os sistemas de aprendizagem automática são idôneos para analisar numerosas manifestações de um determinado objeto com ligeiras variações e extrair as características e padrões relevantes” (Arielli, 2025, p.9). Certamente, esta capacidade está atrelada a uma aptidão e destreza técnicas que se evidenciam nas obras de arte, mas a criação está para além da incorporação de uma técnica; ela enseja toda uma camada sensível, imaginativa e expressiva que, nos parece, nenhuma máquina tem a capacidade de incorporar; além de serem desprovidas de consciência para que possam reivindicar qualquer autoria, como já mencionado.

Mas também podemos considerar que nossa relação com a tecnologia pode ampliar e remodelar nossa percepção, como já evidenciado anteriormente, e, conseqüentemente, nossos modos de criar. Mas será mesmo que as máquinas chegarão a um ponto de refinamento procedimental em que será possível considerá-las criativas? Será mesmo que estamos vivenciando um momento emblemático em que um “novo” tipo de produção artística e cultural está surgindo? Nesse cenário de inovações tecnológicas e incertezas humanas, como ajuizar os artefatos culturais e artísticos da contemporaneidade que se valem das destrezas da Inteligência Artificial generativa, sobretudo, no campo da moda?

Na última Semana de Moda de Paris, referente à temporada primavera-verão de 2026, um dos desfiles chamou particularmente a atenção do público. Em 28 de janeiro de 2026, o estilista Alexis Mabille apresentou um desfile de alta-costura que se destacou no contexto da programação do evento. Intitulado *Hors Champ (Fora das Telas)*, sem modelos presenciais, sem tecidos e texturas concretos na passarela. Ausência da corporalidade, ausência das roupas. Ausência do corpo vestido em movimento. O que se viu foi a incorporação da Inteligência Artificial no processo de confecção, produção e difusão da moda. Não apenas a utilização da IA na aceleração de processos, na otimização de estoque ou mesmo na simulação de variações de modelos (figura 1). Tal incorporação reforça nossa reflexão

Inteligência artificial, arte e tecnologias: o desfile de Alexis Mabille na tensão entre criação, estilo e novas apreensões cognitivas da percepção

Etevaldo Santos Cruz
Beatriz Ferreira Pires
Renata Pitombo Cidreira

sobre o papel da Inteligência Artificial nos processos de criação e experiência do belo no campo da moda.

Figura 1: Modelo desenvolvida por IA para desfile de Alexis Mabille



Fonte: FASHIONNETWORK BRASIL, 2026⁴.

O estilista criou um ambiente imersivo, com modelos digitais andando em *loop*; um pouco diferente da experiência dos *fashions* filmes que foram difundidos de forma exponencial por grifes durante o período da Pandemia da Covid 19. Neste caso, não se assistia a um vídeo a partir das telas das nossas casas. Os convidados foram até ao famoso Cabaré Lido, nos Champs-Élysées, e lá se integraram a uma ambiência audiovisual que simulava a experiência de um desfile. Tivemos sim um desfile digital, com avatares como modelos e *skins* “vestindo” essas imagens (figura 2).

⁴ Disponível em:
<https://br.fashionnetwork.com/news/Alexis-mabille-esta-levando-a-alta-costura-para-o-mundo-da-inteligencia-artificial,1802378.html>

Inteligência artificial, arte e tecnologias: o desfile de Alexis Mabille na tensão entre criação, estilo e novas apreensões cognitivas da percepção

Etevaldo Santos Cruz
Beatriz Ferreira Pires
Renata Pitombo Cidreira

Figura 2: O cenário da apresentação deste desfile gerado via IA - MG/FNW



Fonte: FASHIONNETWORK BRASIL, 2026⁵.

Outro aspecto fundamental é que Alexis Mabille integrou, de fato, a IA no processo criativo. A Inteligência Artificial, nesse caso, operou não como uma ferramenta auxiliar, mas como um membro ativo da criação da coleção. No tocante a esse aspecto, o designer afirma que: “Desenhei as minhas peças, escolhi os meus tecidos, criei os meus bordados, fiz o meu moodboard” (Sapo, 2026). Após essa etapa, a IA assumiu o controle para modelar o conjunto, como uma extensão do ateliê.

Foram cinco meses de produção entre o designer francês e a empresa de tecnologia *Glor'IA* para desenvolver não apenas a estrutura do desfile, mas também a idealização das peças. Ao todo, foram 300 ensaios com modelos reais para criar as silhuetas dos avatares, sem contar a colaboração entre costureiros e laboratórios de informática para produzir os looks. Foram apresentadas peças como um casaco vermelho com gola xale bordada, um vestido tipo agasalho com cordões cravejados de joias, incluindo o brilho das micro pérolas bordadas na gola, jaquetas e capas, em modelagem ora

⁵ Disponível em: <https://br.fashionnetwork.com/news/Alexis-mabille-esta-levando-a-alta-costura-para-o-mundo-da-inteligencia-artificial,1802378.html>

fluida, ora estruturada. O conjunto de peças compôs um efeito degradê que varia do vermelho vibrante ao creme, passando pelo fúcsia, roxo, azul-nilo e verde-esmeralda, numa referência ao arco-íris. Na escolha dos materiais, especialmente dos tecidos, crepes, sedas, lãs secas e organza, além de penas de avestruz.

De acordo com declaração do estilista,

A ideia era desafiar a inteligência artificial e mostrar que o elemento humano continua sendo essencial por trás dela. Mostrar que, na verdade, sem nós, sem nossas ideias, sem as mãos dos técnicos que multiplicam os cálculos para cada silhueta, não acontece muita coisa, exceto coisas degenerativas (Fashion Network, 2026).

Controvérsias à parte, de todo modo, o designer trouxe para a passarela, para a mídia e para o próprio campo da moda, várias questões: qual a relação que a moda pode estabelecer com a Inteligência Artificial? Em que medida podemos pensar em processos criativos colaborativos entre IA e designers? Como conceber a dimensão da autoria em processos criativos que utilizam a Inteligência Artificial? Como compreender as noções de estilo e originalidade nesses processos? Como a experiência do belo pode ser emulada a partir da Inteligência Artificial? Por que se utilizar da IA em processos de criação? Por que criar roupas e desfiles imateriais? Para o estilista, a moda e Alta Costura são espaços de experimentações e, de fato, ele ousou em trazer um desfile totalmente criado por IA.

De toda sorte, concordamos com Emanuele Arielli quando comenta:

De um ponto de vista ideal, uma IA capaz de criar arte e design significativos levaria em consideração a história do que já existe, não apenas para extrapolar padrões a partir de artefatos, mas também para interpretar sua recepção coletiva, ou seja, como as pessoas reagiram a esses artefatos ao longo do tempo (Arielli, 2025, p. 19).

Tal perspectiva considera a importância tanto do âmbito produtivo, quanto da dimensão receptiva dos artefatos gerados pela Inteligência Artificial, o que nos confronta com uma reflexão eminentemente estética, levando em conta aspectos poéticos (modos de produção), mas, também, toda a dinâmica sensível envolvida nos modos de recepção desses produtos (modos de afetação). Como sabemos, a experiência estética aciona complexos fenômenos perceptivos, afetivos e cognitivos.

No momento atual, podemos afirmar, com certa tranquilidade, que independentemente das polêmicas que determinadas práticas “criativas” que se utilizam da IA podem promover, essas criações, como a proposta por Alexis Mabille, são capazes de motivar experiências estéticas, propor novas formas de concepção e compreensão do belo. Resta saber que nível de afetação são elas capazes de suscitar.

5 Considerações Finais

Após o percurso reflexivo, constatamos, como assinala Marshall McLuhan, que, enquanto meio conformador de uma nova perspectiva, os algoritmos de IA modulam nosso modo de estar no mundo, assinalando uma dimensão estilizante e dialógica com o tempo e o espaço. Esses artefatos sociotécnicos são capazes de reorganizar nossa posicionalidade e nossa intersubjetividade, inaugurando novos paradigmas sócio-históricos do conhecimento.

Dessa forma, processos criativos no mundo da moda, assim como uma coleção e o próprio desfile acompanham os devires, apresentando formas inovadoras, como analisado ao longo do estudo. Tecnologias e formas de expressão são partes instituintes da condição de nossa corporalidade, cognição e expressão. Em outros termos, a redefinição da própria experiência perceptiva perpassa pelos novos paradigmas que os algoritmos instituem em nossas vidas, onde as modulações da criação, do conhecimento e do estilo emergem. Destacamos, ainda, que a complexidade trazida pelos sistemas híbridos sobre os processos criativos humanos, fundados na plasticidade neural e na capacidade de resignificação estética, colocam em evidência um novo horizonte de compreensão na contemporaneidade, quando atravessados pelas biotecnologias e pelos algoritmos de aprendizagem profunda.

Assim, a criação de Alexis Mabille, assim como outras possíveis, nesta articulação entre moda e tecnologia, criação e estilo, nos faz compreender que nossas capacidades sensório-motoras podem se potencializar através da roupa. Além disso, a roupa, ela mesma, no diálogo com nosso corpo e ambiente, suscita alterações nos nossos processos perceptivos, modificando, inclusive, nossa dinâmica comportamental e as práticas de interação que estabelecemos com o outro. A moda como expressão, em

Inteligência artificial, arte e tecnologias: o desfile de Alexis Mabille na tensão entre criação, estilo e novas apreensões cognitivas da percepção

Etevaldo Santos Cruz
Beatriz Ferreira Pires
Renata Pitombo Cidreira

consonância com os desenvolvimentos tecnológicos, além de criar modelos similares aos concebidos manualmente, também pode propiciar a criação de belos e instigantes artefatos vestíveis; e, ao fazê-lo, permite-nos, talvez, um alargamento da nossa capacidade comunicativa, do nosso modo de estar no mundo com os outros⁶.

⁶ Correção gramatical realizada por: Gina Rocha Reis Vieira, graduada em Comunicação pela UFBA. Vínculo atual - USP - Pós-doutoramento; gicarr@gmail.com Lattes: [2399358348702960](https://lattes.cnpq.br/2399358348702960) ; ORCID: [0000-0001-8938-0705](https://orcid.org/0000-0001-8938-0705)

Agência de pesquisa financiadora da pesquisa

Não Aplicável.

Declaração de conflito de Interesses

Os autores declaram não ter conhecimento de conflitos de interesses financeiros ou relacionamentos pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

Declaração de Contribuição dos Autores e Colaboradores (CRediT - Contributor Roles Taxonomy)

Concepção do trabalho: Etevaldo Santos Cruz.

Metodologia: Renata Pitombo Cidreira.

Validação: Beatriz Ferreira Pires.

Redação – Rascunho Original: Etevaldo Santos Cruz; Renata Pitombo Cidreira.

Redação – Revisão e Edição: Etevaldo Santos Cruz, Renata Pitombo Cidreira e Gina Rocha Reis Vieira. Todos os autores revisaram e aprovaram o documento final.

Declaração de Uso de Inteligência Artificial

Durante a preparação deste trabalho, os autores utilizaram o Perplexity com a finalidade de traduzir os resumos. Após o uso dessa ferramenta/serviço, os autores revisaram e editaram o conteúdo conforme necessário e assumem total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

Material suplementar

Todos os dados necessários para reproduzir os resultados estão contidos no próprio artigo.

Agradecimentos

Não aplicável.

Referências

ARIELLI, Emanuele; MANOVICH, Lev. Hasta una IA podría hacerlo. In: **Estética artificial. IA generativa, arte y medios visuales**. [S.l.]: Akal, 2025.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **A moda numa perspectiva compreensiva**. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2014.

CIDREIRA, Renata Pitombo. Moda, expressão e tecnologia. Revista **Dito Efeito**, Curitiba, v. 8, n. 12, p. 142-153, jan./jun. 2017.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os Sentidos da Moda**. Annablume, São Paulo, 2005.

CRUZ, Etevaldo Santos, PIRES, Beatriz Ferreira; CIDREIRA, Renata Pitombo. Inteligência artificial, sensibilidade e imagem: tensões contemporâneas e as experiências da corporeidade autoespelhada. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 20., 2024, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: CULT/UFBA, 2024. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-699/152183.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2026.

CRUZ, Etevaldo Santos. **Tão óbvio que cega**: das dinâmicas gestuais entre o material, o atitudinal e a presença em Arthur Bispo do Rosário. 371 f. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

DIVINO, Sthéfano Bruno Santos; MAGALHÃES, Rodrigo Almeida. **Propriedade intelectual e direito autoral de produção autônoma da inteligência artificial**. Revista de Direitos e Garantias Fundamentais, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 167-192, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18759/rdgf.v21i1.1537>. Disponível em: <https://sisbib.emnuvens.com.br/direitosegarantias/article/view/1537>. Acesso em: 21 fev. 2026.

FASHIONNETWORK. **Alexis Mabille propels haute couture into the age of AI**. FashionNetwork, 2026. Disponível em: <https://us.fashionnetwork.com/news/Alexis-mabille-propels-haute-couture-into-the-age-of-ai,1802335.html>. Acesso em: 19 set. 2026.

KHAJEHNEJAD, Moein; HABIBOLLAHI, Forough; PAUL, Aswin; RAZI, Adeel; KAGAN, Brett J. **Biological neurons compete with deep reinforcement learning in sample efficiency in a simulated gameworld**. arXiv, 2024. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2405.16946>. DOI: <https://doi.org/10.48550/arXiv.2405.16946>. Acesso em: 18 set. 2026.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; FILGUEIRAS, Fernando; ALMEIDA, Virgílio. Algoritmos, desidentificação e infrapolítica da resistência. **Revista Brasileira de**

Ciência Política, Brasília, DF, v. 44, p. 1-31, 2025. DOI:
<https://doi.org/10.1590/0103-3352.2025.44.280252>. Acesso em: 18 set. 2026.

MONASH UNIVERSITY. *Brain cells in a dish learn to play Pong*. Monash University, 13 Oct. 2022. Disponível em:
<https://www.monash.edu/medicine/news/latest/2022-articles/brain-cells-in-a-dish-learn-to-play-pong>. Acesso em: 21 fev. 2026.

OLIVA, Donato Angela; DIAS, Gisele P.; REIS, Ricardo A. M. Plasticidade sináptica: natureza e cultura moldando o Self. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 1, p. 128-135, 2009. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815253016>. Acesso em: 21 fev. 2026.

PAREYSON, Luigi. **Estética**: teoria da formatividade. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1993.

PRATA, Didiana; BEIGUELMAN, Giselle. A subjetividade da interpretação de imagens pelas Inteligências Artificiais. In: COZMAN, Fabio G.; PLONSKI, Guilherme Ary; NERI, Hugo (Org.). **Inteligência artificial**: avanços e tendências. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, 2021.

RUSSELL, Stuart J. **Inteligência artificial**. Trad. Regina Célia Simille. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SAPO. **Elie Saab rende-se ao dourado no dia em que a inteligência artificial invade a semana da alta-costura**. SAPO, 2026. Disponível em:
<https://sapo.pt/artigo/elie-saab-rende-se-ao-dourado-no-dia-em-que-a-inteligencia-artificial-invade-a-semana-da-alta-costura-697a475b5ceece69527d9566>. Acesso em: 21 fev. 2026.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1973. p. 11-25.

SIMMEL, Georg. O problema do estilo. In: **Georg Simmel arte e vida**: ensaios de estética e sociologia. Org: Glaucia Villas Bôas e Berthold Oelze. Trad. Markus André Heidiger. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.